A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE REVOLUCIONÁRIA BRASILEIRA NAS IMAGENS BIOGRÁFICAS DE LUIZ CARLOS PRESTES E OLGA BENARIO

THE REVOLUTIONARY IDENTITY CONTRUTION IN THE BRAZILIAN IMAGES BIOGRAPHICAL OF LUIZ CARLOS PRESTES AND OLGA BENARIO

Matheus de Mesquita e Pontes[1]

Resumo:
O presente texto aborda a (re)construção identitária do movimento comunista brasileiro, nas décadas de 1930 e 1940, utilizando como modelos exemplares as imagens biográficas de Luiz Carlos Prestes e Olga Benario expostas através da Literatura.
Palavras-chave: História, Literatura, Política e Identidade Revolucionária.

Abstract: The following text analysis the identitary re(construction) of the Brazilian communist movement of 1930 and 1940. We use as exemplary models the biographic images of Luiz Carlos Prestes and Olga Benario exposed throughout the Literature.
Key-words: History, Literature, Politic and Revolutionary Identity.

[1] Professor de História na UEG – Universidade Estadual de Goiás e Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: pontescst@yahoo.com.br

Em momentos de crise política e social, nada melhor do que o chamado a construção de símbolos representativos exemplares para se repensar a velha ordem. A esquerda brasileira em diversos momentos históricos utilizou-se da literatura para realizar esse combate. Nesse artigo, fazemos uma abordagem frente à literatura de Jorge Amado e Fernando Morais que se utilizam das imagens biográficas de Luiz Carlos Prestes e Olga Benário, como de outros personagens fictícios, para travar e/ou chamar o leitor para a luta contra o fascismo e os governos ditatoriais no Brasil.

ACREDITAR E AMAR, OLGA E PRESTES.

Acreditar nas representações positivas construídas por Jorge Amado e Fernando Morais a seus biografados leva o leitor, possivelmente, a crer e defender um futuro próspero cheio de felicidades, distante da realidade repressiva, ditatorial e de dependência econômica descritas pelos escritores no Brasil das décadas de 1930 e 1940. (AMADO, 1987) (MORAIS, 2004)

Os literatos criam as figuras que simbolizam o mal e o bem, sendo os biografados, soldados do exército do bem. Hitler e Vargas, além de seus diversos cúmplices, são os inimigos que compõem o outro lado da trincheira. Sendo esse o quadro esquemático esboçado ao leitor, o da polarização nazifascismo *versus* os "libertadores do povo", ou melhor, os comunistas.

Para convencer o leitor a acreditar no perfil positivo de sua biografada, Morais, desde a apresentação do seu livro, expõem sua própria experiência de vida e interesse frente à história de Olga.

> [...] a vida de Olga Benario Prestes, uma história que me fascina e atormenta desde a adolescência, quando ouvia meu pai referir-me a Filinto Müller como o homem que tinha dado a Hitler, 'de presente', a mulher de Luís Carlos Prestes, uma judia comunista que estava grávida de sete meses [...] Perseguido por essa imagem, decidi que algum dia escreveria sobre Olga (MORAIS, 2004, p. 09).

O sofrimento e a dor de alguém que foi retirada grávida de perto de seu marido, além do clima de mistério sobre a personagem e os fatos históricos que deram o destino trágico a sua vida, são as armas de divulgação do seu livro. O autor utiliza as imagens da dor, do sofrimento, da humilhação e do ressentimento para impulsionar o amor e a crença do leitor a sua bio-

grafada. Um exemplo digno de ser lembrada naqueles "anos negros do terrorismo de Estado no Brasil"[2] (2004, p. 09), que estimula o leitor a refletir e defender uma prática sustentada na ação.

Amado é direto ao seu leitor, sem rodeios ele afirma que: *"Falo dele [Luiz Carlos Prestes] com admiração, com entusiasmo e com fé. Não falaria sobre ele se não o amasse, não confiasse nele"* (AMADO,1987, p. 18). Não existem receios do escritor em assumir seus sentimentos, já que Prestes é *"aquele que nunca se dobrou, sobre quem a lama, a podridão, a baba nojenta da calúnia nunca deixaram rastro"* (1987, p. 18).

Esperançoso e convicto de que o leitor se sensibilizara com a história de um homem *"tão celebre e virtuoso*", Amado já profetiza que *"depois de ouvir a história do Herói [Prestes], os homens levantarão as mãos, altearão as vozes e clamarão, sobre os mares e as montanhas, pela sua liberdade"* (AMADO, 1987, p. 12), isto é, os leitores partiriam para a ação contra os malfeitores: o fascismo e seu cúmplice, o Governo ditatorial de Getúlio Vargas.

Existem diferenças sobre a exposição das imagens de Olga e Prestes, no que se refere às perspectivas políticas de cada literato e o momento histórico da produção dos textos. Mas para ambos os autores, seus biografados eram sujeitos históricos conscientes de seu potencial transformador, pois acreditavam serem agentes da vanguarda revolucionária que salvaria o mundo das garras do imperialismo e do fascismo. Eram membros do movimento comunista que detinha o sentimento e caráter revolucionário do proletariado: a classe detentora do poder de mover o motor da história a favor dos menos favorecidos.

A narrativa de Morais e, principalmente de Amado, é impregnada de um messianismo revolucionário, em que seus biografados se abdicam de suas próprias vidas para atender os desejos e interesses de milhões de pessoas no mundo e, em especial, no Brasil. Para reivindicar liberdade, abolição de classe, paz e justiça social aos homens. Os "defensores do bem". Assim como na parábola da vida de Cristo, são presos, torturados e inclusive assassinados, como no caso de Olga. Por outro lado, encontram-se as imagens dos infiéis, traidores e assassinos do povo, em que a imagem do movimento nazista e seu líder, Hitler, representam

[2] Fernando Morais escreve Olga na metade dos anos de 1980, ao final do Regime Militar brasileiro, sendo assim, a referência aos "anos negros de terrorismo" é ao próprio Regime Militar, comparando-o aos outros anos de ditadura varguista.

aquilo que é demoníaco.

Prestes e Olga seriam "os eleitos", aqueles que através de suas atitudes revolucionárias e sua moral inabalável "foram escolhidos", como exemplos a serem seguidos pela militância e sociedade, na busca pela construção de um novo mundo e na (re)formulação de uma identidade humanística aos homens, sendo essa última, a justificativa mais plausível dada pelos escritores ao fazerem a opção de narrarem suas vidas.

Acreditar nas palavras e ações dos biografados heróis e, amar no sentido de venerar seus exemplos de vida, são mecanismos para impulsionar o leitor que, convencido, parte para a ação.

AS ORIGENS DOS BIOGRAFADOS

Olga vem de uma origem familiar profana, segundo a visão política dos comunistas do período *stalinista*. Filha da burguesia bávara alemã, sua mãe, Eugénie Gutmann Benario, era, segundo Morais, filha de abastada família judaica, *"uma elegante dama da alta sociedade"* (2004, p.30) e, seu pai, Leo Benario, era jurista renomado e personalidade influente do Partido Social Democrata Alemão. Por essa época, a social democracia era tratada pelos comunistas como uma das grandes inimigas do Partido e da classe operária, sendo, em determinados momentos, acusados de cúmplices da burguesia e, por outro, colaboradores da ascensão do movimento fascista.

Para o biógrafo, apesar de o seu pai representar politicamente aquilo que os comunistas julgavam ser degradante e perigoso aos trabalhadores, será sobre a imagem paterna que Olga vai aprender fomentar, inicialmente, seu sentimento de indignação perante as condições precárias da classe operária alemã. Época (década de 1920) em que a Alemanha vivia uma dramática situação econômica que decompunha o país desde o fim da Primeira Guerra Mundial. A classe média que se proletarizava e o desemprego, principalmente, desesperava o operariado levando milhares de pessoas à miséria.

Sobre tal situação, emerge a figura do pai de Olga, um "bom burguês", liberal e democrata, que advogava gratuitamente para os infortunados. Um inimigo de sua própria classe, pois, "ao dr Benario recorriam invariavelmente os trabalhadores que pretendiam fazer demandas judiciais contra os patrões" (2004, p. 30), sendo que, para estes ele trabalhava com mais

afinco, segundo Morais. É frente a esse cotidiano que Olga se educa, emergindo dentro de si o sentimento revolucionário. Para o biógrafo:

> A própria Olga diria mais tarde que havia se transformado numa comunista não pela leitura marxista, mas folheando os processos em que o pai defendia os trabalhadores de Munique.
> [...]
> Pelo escritório do pai passavam diariamente, e discutiam à frente da adolescente, os mais abastados e os mais miseráveis habitantes de Munique. "A luta de classes ia me visitar todos os dias em casa", ela [Olga] brincava (MORAIS, 2004, p. 30).

Prestes também não possuía origens nas "*fileiras revolucionárias*" do proletariado, mas tinha uma matriz menos profana em relação à Olga. Segundo Amado, apesar dos avós deterem determinada riqueza e prestígio social, os pais de Prestes fizeram opção por uma vida mais humilde, mais "*próxima ao povo*". O pai, Antônio Pereira Prestes, era militar de baixa patente do exército e, a mãe, dona Leocádia Prestes, era dona de casa e professora primária.

No intuito de glorificar a origem mitológica de Prestes, Amado afirma que o avô paterno do biografado era juiz renomado em Porto Alegre, sendo que suas sentenças serviam de exemplo aos demais tribunais da corte na quais diversos desembargadores se guiavam por seus pareceres (1987, p. 27). Homem justo, que sempre fazia questão de cuidar pessoalmente das crianças órfãs ou delinqüentes que estavam sob sua custódia. Em relação ao avô materno, esse era um rico comerciante, mas um abolicionista que, segundo o escritor, lia livros sobre a Revolução Francesa e amava e declamava os versos libertários de Castro Alves, além de ter gastado praticamente toda sua riqueza na compra de escravos sob o intuito de libertá-los (AMADO, 1987, p. 34). Já a avó materna do biografado merece destaque, Dona Ermelinda, que em *"sua velhice interessou-se pelo marxismo e pelo seu estudo, ao saber que Luiz Carlos havia abraçado essa doutrina"* (AMADO, 1987, p. 32).

O pai de Prestes é posto como soldado fiel de Benjamin Constant, homem que lutou contra a monarquia, a reação e o passado degenerado do Brasil. Antonio Prestes e Constant, segundo Amado, eram homens que juraram "vencer ou morrer" no ideal de construir a República e a democracia futura, sendo

essa, erguida pelos mesmos, em 15 de novembro de 1889. Prestes é colocado como o sucessor de Constant nas lutas por um Brasil livre dos "*inimigos do povo*". Afirma Amado,

> Esse era um líder do povo [Constant], um que soube ver a verdade, arrancar do rosto do tirano [o Imperador] a máscara impudica de liberal e mostrá-lo ao povo na sua verdadeira e mesquinha fisionomia. Assim acontece também, amiga, com Luiz Carlos Prestes. Este soube denunciar a máscara trágica dos inimigos de hoje [Vargas e o fascismo] e mostrá-los ao Brasil na sua trágica nudez (AMADO, 1987, p. 40).

Antônio Prestes morreu quando seu filho, Luiz Carlos Prestes, tinha apenas nove anos. Faleceu pobre, deixando mais quatro meninas e uma pequena pensão de capitão engenheiro do Exército. E é nessa infância pobre que Prestes vai conhecer, segundo seu biografo, as desigualdades sociais e fazer uma opção pelos menos favorecidos. Por assim, sua escolha foi de servir ao povo, como o pai, entrando, para Escola Militar. E não podia ser diferente, pois Prestes nasceu predestinado a ser "Herói", como comprovou a empregada negra ao presenciar seu nascimento, ao visualizar o brilho forte de uma estrela prometida que a fez lembrar dos deuses e vê-los:

> Lembrou-se dos seus deuses e viu Oxóssi, o deus da caça nas matas, o que atravessava as florestas da África. Mas viu também Xangô, o deus do raio e do trovão, o deus vitorioso das batalhas [...] Viu Zumbi, o deus mais novo dos negros, o que levantou os escravos, fugiu para a selva dos Palmares e fez uma república de homens livres. Viu uma luz nos olhos do infante [Prestes]. Oxossi rompendo as selvas. Xangô lançando os raios na batalha, vencendo as guerras, Zumbi forjando a liberdade. Nunca, jamais vira um menino assim. Na macumba, naquela noite, dançaria em honra dele e em honra dele cantaria aquele canto de vitória:
>
> - 'Erô ójá é pará non, ê inum ójá li ô ló.' (AMADO, 1987, p. 44).

Prestes, diferente de Olga, é louvado pelo seu biógrafo como um Herói prometido, fruto das forças divinas do negro escravo africano radicado em terras brasileiras, os primeiros trabalhadores a explorar as riquezas desse chão através da escravidão do branco e, herdeiro do perfil liberal e progressista existente

em sua família. Prestes é colocado como o libertador, aquele que veio ao mundo cumprir o tão esperado legado de fazer justiça e garantir a liberdade e felicidade ao seu povo sedento de esperanças.

Herdeiros de uma tradição ambígua, de locais aonde nasceram os heróis e os vilões, Prestes e Olga são vistos como soldados do bem, sujeitos que resgatam ou reafirmam a identidade positiva dos povos de suas regiões.

Alemã, Olga nasceu em terras do revolucionário Karl Marx, pai da teoria marxista que impulsionaria as "predestinadas" revoluções operárias pelo mundo, terra também do temível Adolf Hitler, homem de perfil incrédulo e demoníaco, que ameaçava o mundo com o fascismo e sua teoria de raça superior. Olga e demais "soldados da revolução" morreriam na luta contra as forças das trevas, mas seu povo seria "liberto" pelos discípulos de seu conterrâneo Marx, oriundos de terras do oriente aonde o povo já havia "aprendido" e feito a Revolução esperada. Antes de o nazismo ascender ao poder, os comunistas de todo mundo tinham a Alemanha como terra prometida, lugar aonde a Revolução cumpriria sua profecia e se esparramaria para o restante do mundo, mesmo com os "apressados" russos fazendo sua revolução esperava-se que o legado se cumprisse, mas o algoz Hitler destruiu as expectativas dos revolucionários internacionalistas ao subir no poder.

O Rio Grande do Sul, estado onde nasceu Prestes, também é visto por Amado como região de identidade dúbia. Local donde *"houve uma revolução, ela se chamava de 'Farrapos'. Houve uma República nessas terras, quando ainda as forças reacionárias do Império eram donas do país"* (AMADO, 1987, p. 21). Movimento esse digno, em lutaram a revolucionária brasileira Anita Garibaldi e o italiano Giuseppe Garibaldi. O revolucionário Rio Grande do Sul, um dos estados pioneiros na luta contra o Império, na luta pelos ideais da Revolução Francesa e pela consolidação de uma República que abolisse os poderes monárquicos. É também dessas terras que "nasceram os tiranos. Filhos de dono de fazenda, senhores feudais, de alma escravocrata" (1987, p. 23). Rio Grande, do "tirano" Getúlio Vargas, que um dia foi eleito Presidente desse estado da Federação e depois tomou o poder do Brasil em 1930.

Mas com o nascimento de Prestes, marca-se o *"instante em que começa o fim do tempo dos tiranos",* em que as forças heróicas do Rio Grande do Sul e do

Brasil, se encaminham *"para o momento da luta final, o terrível e maravilhoso momento da última batalha"*, aonde Prestes vai vingar o *"sangue dos revolucionários do passado, o sangue de Anita Garibaldi"* (AMADO, 1987, p. 23).

MOMENTOS DE PROVAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Um "herói" não nasce com tal honraria, apesar de Amado colocar Prestes como um predestinado ao posto. Um "herói" precisa realizar atitudes que legitime seu *status* e, também, precisa sensibilizar uma legião de seguidores ou admiradores que glorifiquem seu exemplo. Prestes conseguiu tal proeza em vida, sua imagem, para seus partidários, significava esperança, boas perspectivas para o futuro. Olga, apesar de diversas proezas, só conseguiu admiração após sua morte.

Prestes e Olga não são filhos da "revolucionária classe operária". Eles eram integrantes de setores, segundo a própria interpretação dos comunistas da época, da radicalizada, porém vacilante, classe média, por assim, não eram indivíduos propensos a serem qualificados como heróis.

Olga, para obter confiança dos revolucionários e ser reconhecida como tal, teve que passar por um momento de provação. Ser a melhor em atividades denominadas secundárias, como pichação, colagem de cartazes e grande agitadora durante os protestos, não garantia *status* dentro da organização revolucionária.

No princípio de sua militância, Olga cresceu dentro do Partido graças ao seu relacionamento afetivo com um dos quadros profissionais da agremiação, Otto Braun, que a levou para Berlim e para o mundo da clandestinidade revolucionária. Segundo Morais, *"alguns meses após chegar a Berlim, ela já era a secretária de Agitação e Propaganda da mais importante base operária do Partido Comunista alemão, o bairro vermelho de Neukölln"* (2004, p. 34) e, posteriormente, assumindo o mesmo cargo na Juventude Comunistas Alemã, além disso, rapidamente lhe foi dado o posto de *"datilografa da Representação Comercial Soviética, um emprego que lhe fora conseguido pelo partido"* (MORAIS, 2004, p. 35).

Ao final do ano de 1926, Olga inicia sua provação. Graças as suas atividades clandestinas ela foi presa, ficando dois meses encarcerada. Junto com ela, foi preso seu companheiro, que passou mais tempo na

prisão e foi acusado de espionagem e alta traição a seu país. Para o biógrafo, o julgamento a ser realizado sobre os "crimes" de Otto, tinha a pretensão de *"comprometer o Partido Comunista aos olhos da opinião pública, imputando-lhe atos de traição à Alemanha e de espionagem em favor da União Soviética"* (MORAIS, 2004, p. 45).

O Partido, preocupado com sua reputação e com o futuro de Otto, define destinar Olga a sua "tarefa de provação": a missão de retirar Otto, através de um assalto armado, da prisão de Moabit. Tarefa cumprida de forma esplendorosa, o casal passa a ser procurado com todo o vigor pela polícia alemã. Como único refúgio, exilam-se no *"berço da revolução mundial"*.

Segundo Morais, com o cumprimento do legado, Olga passa a ser referência no movimento revolucionário e, em seus primeiros dias em Moscou, é ovacionada por um auditório lotado de militantes da Juventude Comunista Internacional e, de acordo com o biografo, ela teria dito as seguintes palavras à platéia eufórica: *"- Eu gostaria que soubessem que ali cumpri duas tarefas: uma do partido e outra do coração*". Olga se ascende na hierarquia do movimento revolucionário, se torna integrante do Comitê Central da Juventude Comunista Internacional recebendo treinamento militar e cursos de línguas para agora cumprir missões internacionais. Após a "provação", Olga está às portas de se tornar uma "bolchevique de aço".

Prestes não teve sua provação cumprindo tarefas revolucionárias a mando do movimento comunista. Sem existir simpatias pelo emergente Movimento Operário brasileiro, desconhecendo o recém-fundado PCB e não tendo consciência da existência do marxismo, Prestes foi o líder do Movimento Tenentista em seu auge.

Os vinte e cinco mil quilômetros percorridos pelo interior do país, as estratégias militares que garantiram várias vitórias aos insurgentes e a liderança carismática de Prestes, garantiram, segundo o biógrafo, que a "Grande Marcha", realizada entre os anos de 1924-1927, recebe-se o *"nome do chefe do Estado-Maior pela vontade dos soldados e do povo do Brasil"* (AMADO, 1987, p. 115): a Coluna Prestes. Além disso, Prestes receberia o adjetivo de "Cavaleiro da Esperança" do "povo desesperado do sertão" (1987, p. 96) e o *status* de herói das forças oposicionistas ao Governo de Washington Luiz nos centros urbanos.

Para Amado, a Coluna Prestes, apesar de ter um

programa reivindicatório reduzido e de cunho liberal, não possuindo respostas concretas para solucionar os problemas encontrados pelo interior do país, este foi "o maior movimento de um Brasil em busca de si mesmo" (1987, p. 97). Mesmo com as limitações, o escritor expõe que a Coluna Prestes foi fundamental para a formação de uma Frente Popular no Brasil e, para que Prestes não se corrompesse, participando assim, dos acontecimentos de 1930.

> Sem a Coluna não seria possível a Aliança Nacional Libertadora em 35. Sem a Coluna possivelmente Prestes teria participado do levante de 30 e talvez fosse hoje apenas um general do exército. A Coluna dá-lhe a visão exata do drama do Brasil. A ele, a seus soldados e ao Brasil todo. Com a força dos acontecimentos homéricos a Coluna rasga caminhos para a Revolução brasileira (AMADO, 1987, p. 97).

A Coluna representa na narrativa amadiana os sinais de um futuro promissor. É nela que Prestes se educa percebendo a necessidade de avançar politicamente, é desse movimento que Prestes se torna o herói que reflete a esperança da mudança. Além disso, é a Coluna que forma a geração que impulsionará a "Revolução de 30" de Vargas e que, posteriormente, constituem a oposição ao fascismo/integralismo e as falsas mudanças prometidas pela própria revolução burguesa de 1930.

Para Amado, aquela era a *"Coluna de fogo, do fogo da esperança. Coluna de aço, do aço da coragem [...], que na frente ia o Cavaleiro da Esperança"*. É o movimento que carregava a esperança dos *"homens desgraçados"* do interior brasileiro e que estes imaginavam que *"um dia voltarão e desta vez deixarão a liberdade"*. A coluna representava o amanhã promissor nas cidades e a emancipação do homem interiorano brasileiro.

A provação revolucionária de Prestes na epopéia militar da Coluna, na luta contra o Governo Federal e suas cúmplices oligarquias, leva os ditos *representantes legítimos do proletariado brasileiro*, o PCB, a procurarem a mitológica figura do "Cavaleiro da Esperança". A provação na dramática luta pelo interior do Brasil não bastava aos comunistas, é preciso que o "Cavaleiro da Esperança" conhecesse a *verdadeira* revolução e abandonasse o ideário revolucionário *pequeno-burguês* do Movimento Tenentista.

O PROLETARIADO, O PARTIDO COMUNISTA E A CONSTRUÇÃO DA MORAL REVOLUCIONÁRIA.

É através da construção mítica sobre as imagens representativas do caráter revolucionário do proletário e do seu Partido de vanguarda, que Amado afirma a breve chegada de um futuro belo e promissor sob o regime socialista. A Revolução Russa e as Repúblicas Socialistas Soviéticas seriam a prova mais cabal do esgotamento do capitalismo, a superioridade do regime operário e a garantia do progresso da humanidade rumo ao socialismo.

A crença no perfil e na moral revolucionária do proletariado é uma característica legível na literatura de Amado nos anos 30. O exemplo da vida do personagem fictício Antonio Balduíno, na obra *Jubiabá*, é o exemplo cristalizado dessa perspectiva. A condição econômica e social de Balduíno é fruto dos malefícios trazidos pela colonização escravocrata ocorrida no Brasil.

Negro, pobre e sujeitado a viver perambulando pelo mundo, o personagem conhece a malandragem e desconsidera a moral operária, para ele, ser livre era viver na vadiagem, pois o trabalho significa o oposto. Levado ao trabalho sobre o pretexto de ajudar o filho de Lindinalva, o grande amor da sua vida que estava à beira da morte, Balduíno conhece a classe operária e todo o seu poder moral através de uma greve geral. Convencido de que estava enganado e tendo certeza do poder revolucionário dos trabalhadores, o protagonista acredita que o operariado, apesar da condição de escravos, são os herdeiros diretos do legado libertador de Zumbi dos Palmares.

> Nem Jubiabá [Pai de Santo e guia espiritual de Balduíno] sabia que a luta verdadeira era a greve, era a revolta dos que estavam escravos. Agora o negro Antonio Balduíno sabe. É por isso que vai tão sorridente, porque na greve recuperou a sua gargalhada de animal livre (AMADO, s/d, p. 247).

No romance *Cacau*, a negação da afetividade romântica do personagem protagonista, aponta segundo Amado, para uma das características do *perfil* revolucionário do proletariado. O referido personagem, José Cordeiro, renega o amor de Maria, filha do carrasco fazendeiro patrão. Isso o leva a abandonar a fazenda e ir ao encontro da classe operária no centro urbano, já que aos trabalhadores do campo é desconhecido o sindicato, a mobilização, a greve.

> Olhei sem saudades para a casa-grande. O amor pela minha classe, pelos trabalhadores e operários, amor humano e grande, mataria o amor mesquinho pela filha do patrão.
> [...]
> Eu partiria para a luta de coração limpo e feliz (AMADO, 1961, p. 283).

Referente às duas obras citadas de Amado, não existe citações ao *partido do proletariado*, o PCB. O que existe é um reconhecimento de si, dos personagens protagonistas, dentro da própria classe, o que gera um sentimento de pertencimento, denominado por Amado, como aquisição da consciência de classe (1987, p. 254), relação essa que constrói a moral diferenciada dos trabalhadores, o que os possibilitam ter força para a tomada do poder.

Mas, observa-se na própria literatura amadiana que, para os predestinados chegarem ao poder, é necessária sua própria organização classista. Algo que vá para além dos poderes coorporativos dos sindicatos, que já possui o poder de parar a fábrica e até mesmo a cidade, como no caso da Bahia de Todos os Santos de *Jubiabá*. Um instrumento que leve os trabalhadores a tomarem o poder do Estado em suas mãos. Essa organização é Partido do proletariado, o Partido Comunista, a agremiação que aglutina o que há de mais "consciente" e "avançado" na classe operária.

O Partido é o segundo elemento essencial para que se cumpra a profecia revolucionária do futuro promissor. É a agremiação, que através de sua vanguarda, organizará a melhor metodologia, guiando assim, o conjunto dos trabalhadores ao poder. Para os comunistas, como para a Literatura militante de Amado, esse é um esquema infalível, pois, já foi testado e aprovado com eficiência no maior país do mundo. Segundo o historiador Jorge Ferreira, *"se Marx trouxe à cena política o mito do proletariado revolucionário, Lênin [líder da Revolução Russa] fundamentou um outro, a segunda pilastra do "marxismo-leninismo", o modelo exemplar de partido"* (FERREIRA, 2002, p. 39). Os Bolcheviques russos e sua Revolução, passam a servir de exemplo para os revolucionários brasileiros e para o restante dos trabalhadores do mundo.

A figura do Partido só surge nos romances de Amado a partir da década de 1940, sendo, *O Cavaleiro da Esperança*, o primeiro a apresentar, timidamente, essa perspectiva. É nessa obra que Prestes é apresentado como o líder dos comunistas, o mesmo herói da homérica Coluna. O foco do livro não era de

glorificar o Partido, pois a biografia nostálgica do líder já refletia as características morais da agremiação e dos seus militantes: o compromisso com o povo, os teóricos que compreendem a verdade, podendo assim, solucionar os problemas do Brasil; indivíduos éticos e disciplinados na luta por um futuro digno a todos.

Prestes reflete o Partido e vice-versa, formula essa, garantida graças à revisão do centralismo-democrático nos anos de influência *stalinista*. Prestes é o soldado exemplar dos comunistas brasileiros, como Stálin é para os comunistas de todo mundo. Ser do Partido Comunista é ser seguidor de Prestes e conseqüentemente de Stálin.

No Brasil, o demasiado uso da imagem de Prestes, possuía um significado a mais: a tentativa de reorganização de uma Frente Popular no Brasil revivendo a experiência da ANL e sua luta antifascista. O prestígio de Prestes transcendia o Movimento Comunista, chegando a influenciar setores das Forças Armadas e da classe média. A Coluna transformou Prestes em mito e é, nessa perspectiva, que Amado explora sua imagem na biografia, dando ênfase à trajetória, batalhas e vivências ocorridas durante a *Grande Marcha*.

Ao reafirmar o poder do Partido como único agente transformador da sociedade a serviço do proletariado, podem-se citar os romances, *Seara Vermelha* e *Os Subterrâneos da Liberdade*. Literatura essa voltada a descrever a força da agremiação em sua clandestinidade durante o regime repressor varguista, suas teses e conspirações revolucionárias a serviço do povo e a disciplina quase militarizada de seus militantes profissionais.

Na pobreza do sertão nordestino brasileiro, narrado em *Seara Vermelha*, Amado apresenta três movimentos contestatórios: o Messianismo, o Cangaço e o Partido Comunista[3]. Apesar de todos serem esmagados pela repressão do Estado, somente os comunistas sobrevivem através da ilegalidade, graças a sua disciplina e moral revolucionária sustentada teoricamente através dos escritos de Marx, Lênin e Stálin. Para o escritor, esse é o único movimento incapaz de ser dissolvido ou destruído pelas forças reacionárias da história, pois ele está predestinado historicamente à vitória.

Os Subterrâneos da Liberdade também parte dessa premissa. Descrevendo as dificuldades dos operários e do *seu* Partido no estado de São Paulo, graças

[3] Amado faz referência ao levante armado de 1935, no Rio Grande do Norte, na capital Natal.

à ditadura e repressão do Estado Novo, Amado narra, de forma detalhada, as características do Partido e de seus inimigos.

O Partido é apresentado por Amado como uma organização composta de homens dignos, sujeitos que sofrem uma transformação interior para fazer jus à moral proletária e a sua agremiação. Estes assumem uma nova identidade, abandonam os *vícios burgueses* passando a ser indivíduos com virtudes e cheios de qualidades positivas: amam a humanidade, possuem fé inabalável no futuro próspero, além de serem bons pais, filhos, vizinhos etc. A elevada conduta dos comunistas se contrapunha a imoralidade burguesa e aos imaginários construídos pelos anticomunistas.

Na prática esses comunistas não formularam ou tentaram inovar novos conceitos sobre a moral, apenas absorveram a essência da moral burguesa sustentada na ética puritana inglesa do princípio do sistema capitalista. É claro que novos valores foram agregados a vida do militante, o principal, destaque existente nos livros de Amado é sobre a relação vida privada e a vida pública partidária do indivíduo. Percebem-se, nos personagens militantes amadianos, a supressão de suas particularidades em detrimento das necessidades do Partido, principalmente em suas relações amorosas.

O casal protagonista do romance fictício *Os Subterrâneos da Liberdade*, João e Mariana, é um modelo digno de devotamento ao Partido. Conheceram-se no cotidiano da luta. João, jovem dirigente da agremiação no estado de São Paulo se apaixona pela disciplinada e disposta militante de base Mariana. Não existiu flerte ou namoro entre ambos no princípio do relacionamento, pois, *"aqueles não eram dias para se pensar em tais coisas"* (1978, p. 187), já que o Golpe de Estado estava sendo orquestrado por Vargas e os fascistas/integralistas, mas num momento mais calmo João propõe a Mariana: *"Quer ser minha companheira? Quer casar comigo?"* (1978, p. 295). Ela ficou eufórica com a proposta de casamento vinda de um dirigente do Partido e o aceite foi inevitável[4]. Amado, aponta ao leitor o modelo exemplar, ao narrar como deve ser o cotidiano do casal comunista:

[4] Fato semelhante ocorreu com Maria Prestes, a segunda *companheira* de Luiz Carlos Prestes. Segundo declarações dela própria, no documentário *O Velho*. "Não houve esse negócio de primeiro beijo, essa coisa. Não houve nada disso... [risos]. E eu fazia, dentro de casa mesmo, eu tomava conta dele. Ele aumentava o rádio, eu ia lá e abaixava. Ele abria a janela, a cortina pra olhar a rua... Então, era isso que ele viu, que eu era muito severa com ele. Foi quando ele propôs casamento, que eu era rigorosa com ele. Aí eu caí das nuvens. Eu casada com um dirigente do partido. Quem sou eu?" (VENTURI, 1997)

> Ele está cumprindo uma tarefa, esse é o quotidiano dos comunistas, e nesse amor ela deve encontrar um incentivo ainda maior para o trabalho partidário. Sua saudade e seu desejo de revê-lo não devem levá-la jamais a esperar que ele volte antes de ter realizado a tarefa que lhe confiou o partido. Em nenhum momento, em seu amor, ela desliga o homem do comunismo. Nem o poderia fazer, pois ela não pode pensar senão como comunista. Quando ele voltar, ela poderá lhe dizer:
> - Tive muitas saudades, mas não deixei que elas perturbassem o meu trabalho (AMADO,1978, p. 265).

Seguindo a postura do casal fictício do romance amadiano, Prestes desfaz a imagem romântica do relacionamento dele com Olga, exposta nos livros de Morais e na sua própria biografia escrita por Amado, ao afirmar: "Não tive nenhum romance, nenhuma coisa romanesca" e, frisando o lado político do relacionamento, ele coloca que, "ela era uma companheira que me deu uma dedicação muito grande", além disso, ele cita o lado mítico da companheira: "Ela hoje é considerada uma heroína alemã".(VENTURI, 1997)

Apesar de Amado, narrar que*, "sobre Luiz Carlos Prestes se debruça a sombra de Olga a cercá-lo de carinho, de ânimo, a protegê-lo com seu sorriso, com a sua presença, com seu amor",* vivendo ambos, num pleno romance; Prestes colocaria seu relacionamento afetivo em segundo plano, priorizando sempre em primeira instância os interesses de seu povo. De acordo com seu biógrafo, nem no momento em que ele descobre que vai ser pai o serviço revolucionário é interrompido: *"Prestes não tem tempo sequer para um momento de alegria familiar"* (1987, p. 289).

Assemelhando-se a imagem construída por Amado, Morais coloca que Olga foi à primeira mulher de Prestes, isso aos seus 37 anos de idade, e reafirma que *"o rigor, a disciplina e a dedicação à causa tinham cobrado dele um preço alto: até então Luiz Carlos Prestes nunca tinha estado com uma mulher"* (2004, p. 61).

Para Morais, sua biografada também não fugiu dos preceitos morais da disciplina partidária, suas responsabilidades adquiridas dentro da Juventude Comunista Internacional a afastaram do cotidiano de Otto, o que gerou ciúmes e brigas que culminaram no fim do relacionamento. Analisando o companheiro de Olga, o escritor coloca que *"Otto era um homem adorável, sem dúvida um verdadeiro comunista, mas nas relações afetivas comportava-se como um legítimo pequeno-burguês"* (MORAIS, 2004, p. 49).

O INIMIGO

A grande força que ameaçava o amanhã próspero era o nazifascismo. Antiliberais e anticomunistas, o fascismo internacional tinha em Hitler e na Alemanha o exemplo de superação econômica e moral de um povo. No Brasil, logo após a ascensão de Mussolini na Itália, surgiam as primeiras organizações de perfil fascista que, posteriormente, se aglutinariam em torno da Ação Integralista Brasileira (AIB) e da figura de Plínio Salgado. Denominados de Integralistas e apelidados de "camisas verdes", o movimento cresce rapidamente no princípio dos anos 30.

Em contrapartida, surge a Aliança Nacional Libertadora (ANL), os "aliancistas", sobre a orientação dos comunistas e do Movimento Tenentista. Segundo Amado, esse *"não era um movimento de aventureiros e traidores"* (1987, p. 237), mas sim, um movimento que possuía Luiz Carlos Prestes a frente lançando suas palavras de ordem contra *"o imperialismo, contra o latifúndio, contra a escravidão dos campos e da cidade, pela libertação do povo brasileiro"* (AMADO, 1987, p. 238).

A Revolução de 30, seria para Amado, uma contradição e, é nessa contradição que Getúlio Vargas sustentaria seu poder. Por assim, de um lado estaria os Tenentes "*que haviam compreendido perfeitamente que a Coluna despertara o país, deixara o germe da revolta no povo explorado"* e, por outro, *"o imperialismo. O dinheiro americano, entrando para as arcas da revolução"* (1987, p. 244). Isto é, o Governo Vargas, em seu princípio de gestão, detinha em seu interior forças progressistas e reacionárias, seria um *governo em disputa*, segundo Amado.

Amado coloca que, entre as disputas de *interesses* administrativos dos dois setores, Vargas prefere atender os compromissos assumidos com o imperialismo e as oligarquias, sendo que *"pouco a pouco os reacionários ganham a hegemonia no governo"* (1987, 246). Tal situação alega o literato, *empurraria* vários tenentes para o fracassado movimento constitucionalista de 32, impulsionado pelos paulistas e financiado pelos ingleses sob o interesse de *"ganhar terreno perdido para os ianques com o movimento de 30"*. (1987, p. 249).

Amado denuncia: vários tenentes se venderam a Vargas e ao imperialismo norte-americano para garantir seus cargos dentro do Governo e, outros, se perderam no oportunismo das oligarquias paulistas em

parceria com o imperialismo inglês. A fragmentação, a desunião e as *traições* frente aos princípios revolucionários enfraquecem o tenentismo. A falta de coesão entre os *militares revolucionários* teve conseqüências nefastas na visão de Amado: emerge o Integralismo seguindo a política fascista e o imperialismo alemão adentra ao Brasil com seus capitais e seus interlocutores dentro do Governo Vargas em substituição aos tenentes. Frente a essa situação, Amado disserta, *"completara o primeiro ciclo da transformação do seu governo. Agora não mais se apoiava no povo e nos seus chefes 'tenentistas'. Agora tinha como resguardo os latifundiários, os imperialistas, os fascistas"* (1987, p. 253).

A biografia do "Cavaleiro da Esperança" cria e afirma a seguinte imagem frente aos leitores: devido à delicada situação política, somente a ANL, aglutinando todos os setores *honestos* e *patrióticos*, tendo Prestes a sua frente, poderia *salvar* o povo brasileiro. É tal contexto que justifica a realização dos levantes armados de 1935.

Amado, seguindo possivelmente a visão do PCB, analisa que Vargas não aderiu às nações do Eixo na Guerra graças à rejeição do povo ao fascismo. Essa postura popular, segundo Amado, seria um mérito da Aliança Nacional Libertadora que soube educar o povo. E profetiza: *"O apoio do governo ao Eixo tê-loia derrubado"* (AMADO, 1987, 345).

Os comunistas, como a literatura de Amado, tinham o fascismo como seu imortal inimigo algo irreconciliável. Diferente da postura dada a Vargas, aos Estados Unidos, Inglaterra e demais nações e personalidades de cunho *liberal burguês*, esses até poderiam ser aliados, desde que fossem inimigos do fascismo. Por assim, foi destituída a imagem de países capitalistas e de inimigos da URSS. Tais nações possuíam a dúbia face na leitura dos comunistas: imperialistas, mais democráticas.

Enquanto isso, Vargas é apresentado na biografia de Prestes como um inimigo em *fase de regeneração*. A sua conduta em apoiar os Aliados lhe possibilita a redenção, mas Amado adverte, que para obter o perdão e confiança do povo algumas posturas deveriam ser tomadas.

> [...] terá que forçosamente modificar os rumos da política interna do país. Desmascarar os quinta-colunistas, os elementos nazis, os advogados japoneses, os

> criados da Embaixada Italiana. Terá que democratizar o país, não se pode combater o fascismo tolerando-o em casa. Terá que anistiar os líderes antifascistas que estão presos exatamente porque se levantaram no Brasil contra o perigo fascista (AMADO,1987, p. 346).

Com tal postura, os comunistas e aliancistas e, em especial Prestes, são apresentados, na narrativa amadiana, como seres de uma grande bondade humana, pois estes souberam perdoar seu inimigo próximo em detrimento da derrota das *forças das trevas,* o fascismo. Os *ressentimentos*, as *humilhações* e o *ódio social* frente a Vargas, poderão ser esquecidos, desde que ele se arrependa e se converta plenamente como um legítimo e completo soldado das *forças do bem*.

Para Fernando Morais, a representação do inimigo se convergia nas atitudes repressivas, por assim, o fascismo e seus cúmplices são os grandes inimigos, um mau exemplo a ser seguido pelos governos e seus governantes. Morais, por descrever o passado tendo certa distância frente ao tempo presente, não possui as mesmas preocupações de Amado, em querer dar respostas ao leitor sobre o que fazer naquela determinada situação.

Apesar de possuir a preocupação de narrar os detalhes da tortuosa vida de Olga, Morais não ataca diretamente a pessoa de Vargas, mas o seu Governo que havia integrantes pró-nazistas: Filinto Müller, Chefe de Polícia; José Carlos de Macedo Soares, Ministro das Relações Exteriores; Moniz de Aragão, Embaixador do Brasil na Alemanha, dentre outros, que são apresentados pelo escritor como agentes do fascismo e da repressão no Brasil. Para impressionar o leitor, Morais expõem dados do difícil cotidiano repressivo pós-levantes de 35.

> Em quatro meses a polícia realizara 3250 detenções para averiguações, 441 buscas domiciliares (eufemismo utilizado para designar as invasões de residências, em geral à noite, sem mandato judicial), e tinha levado aos xadrezes pouco mais de 3 mil pessoas, sendo 901 civis e 2146 militares. Tudo isso apenas na jurisdição oficial de Filinto, isto é, a cidade do Rio de Janeiro (MORAIS, 2004, p. 150).

Morais também não foge da descrição dúbia de Vargas: num primeiro momento, cúmplice dos elementos pró-fascistas em seu Governo, no que se refere à legitimação da repressão através de Leis e da instauração da Ditadura do Estado Novo, além da entrega de Olga e de outras *judias indesejáveis* ao nazismo

alemão e, por outro momento, um adesista aos Aliados na luta contra nazismo.

Ao final do livro, Morais faz um esforço para "não tomar partido" nas polêmicas sobre a (re)afirmação de apoio do PCB a Vargas no pós-guerra. Ele descreve as posições dos prós e dos contras, mas dá uma atenção significativa a tal polêmica[5], pois na sua narrativa existe uma expectativa sobre qual postura a ser tomada por Prestes no campo político e afetivo. A biografia de Olga não termina com o seu assassinato pelos nazistas, mas com Prestes sabendo da morte da esposa, logo após um comício em São Paulo em que ele defendeu a "Unidade Nacional" com Vargas à frente do Governo.

DIFERENÇAS ENTRE OS GÊNEROS NA MORAL DO PARTIDO OPERÁRIO

Não existe a imagem da mulher dirigente partidária nos romances de Amado. A mulher pode ser comunista e pode organizar a greve em seu local de trabalho. Ela não é lesada no direito de atuar no Partido proletário, pois ela é uma proletária. Mas, antes de tudo, a mulher comunista tem que dar o exemplo de boa esposa, boa mãe, boa filha etc., às demais companheiras de gênero.

A mulher quando é casada com um comunista, tem que ser digna desse *devotado* homem e compreender seus sacrifícios. Quando o casal é comunista, a mulher tem que ser digna de pertencer ao Partido e ao seu marido, amando e sendo fiel a ambos.

Amado coloca que o amor exemplar de Olga por Prestes é carregado de sacrifícios e privações, pois seu marido é um Herói destinado a lutar pela liberdade dos homens, seguindo esse destino, as mulheres de dirigentes revolucionários *"têm que possuir apenas instantes do esposo. A liberdade e a poesia são coisas dos homens, os prendem para sempre"*. Não cabe a mulher o *status* de Herói, mas de *esposa heróica*, pois a ela cabe a compreensão e, que a mesma, *"saiba viver a vida do marido"* (1987, p. 287).

Para Amado, naqueles anos tenebrosos de ameaça fascista e de ditadura no Brasil, a mulher tinha que se preparar para as horas mais duras de sofrimento e ter *"dignidade igual à do seu esposo. Como tem sabido ter Olga Benario Prestes"* (1987, p. 243).

[5] Morais observa que o próprio Amado liderou um grupo de intelectuais em São Paulo contra a posição do Partido em continuar apoiar o Governo Vargas (2004, p.237).

Olga é apresentada ao leitor como uma herdeira de Anita Garibaldi, mulher honrada que *"acompanhou o italiano José Garibaldi em todos os combates"* (1987, p. 242). Em uma colocação de cunho machista, Amado coloca que o relacionamento entre Olga e Prestes resultaria num quitar de dívida da Europa com o Brasil.

> Agora a Europa paga ao Brasil essa dívida antiga. Como o Herói da Itália encontrara no Brasil a sua esposa e companheira, a que defendia sua vida com a força do seu amor, assim, o Herói do Brasil encontrara na Europa a esposa e companheira, a que o protegerá nesses dias da revolução, a que, como Anita, está sempre junto dele, nos momentos mais difíceis. Anita Garibaldi. Olga Benario Prestes! Deixa que eu junte esses dois nomes, amiga! Eles soam da mesma maneira, representam um destino igual. O destino das esposas heróicas, daquelas que casaram com homens cuja vida pertence à liberdade (AMADO, 1987, p. 242).

Na biografia de Prestes, Olga não é apresentada como um quadro profissional treinado pela III Internacional Comunista. Não existem referências sobre seu passado militante na Alemanha ou URSS. Somente com o livro de Morais e, posteriormente com outras biografias, artigos e o filme de Jayme Monjardim, é que Olga ganha uma projeção independente da figura de Prestes.

Fernando Morais projeta a imagem de Olga, lhe dá uma identidade própria. Mas, em contrapartida, sua narrativa é sustentada no romance afetivo de duas grandes personalidades revolucionárias: Olga e Prestes. E, é assim que se inicia o livro, com um capítulo introdutório para Olga, "Berlim, Alemanha abril de 1928", narrando a ousadia dela em tirar Otto Braun da prisão e, outro, para Prestes, "Buenos Aires, Argentina abril de 1928", (re)afirmando o heroísmo da Coluna Prestes. A continuidade da narrativa expõe o encontro de dois seres generosos, que dedicavam suas vidas a uma causa honrosa, sendo que, o sentimento e a vida amorosa do casal, fora sacrificada pelo inimigo reacionário e seus cúmplices.

Utilizando-se de várias correspondências trocadas entre ambos, durante os anos de prisão, Morais demonstra um casal extremamente afetivo, preocupado com o futuro da filha e do relacionamento. Um mundo muito distante das imagens dogmáticas do revolucionário em busca da ação e da mulher passiva e compreensiva que fora construída por Amado.

O Cavaleiro da Esperança é o único livro de Amado no qual destina alguma atenção especial a Olga. Nos seus outros romances militantes, as poucas referências existentes são sobre a *mulher de Prestes* que foi entregue aos nazistas por Vargas. Nem em seu livro de memórias, *Navegação de Cabotagem*, o escritor cita Olga.

A resposta ao silêncio de Amado e do Partido em torno da imagem de Olga, está explicito na própria biografia escrita por Morais ao final do livro: a polêmica do PCB e de Prestes em apoiar Vargas, o amigo do inimigo que entregou Olga para a morte e que torturou e assassinou vários oposicionistas, inclusive vários correligionários de agremiação. O mesmo silêncio dado a Olga é conferido a própria mãe de Prestes, Dona Leocádia, que morreu no exílio lutando pela libertação do filho e da nora[6].

Quando Amado escreveu *O Cavaleiro da Esperança*, Olga, assim como Dona Leocadia, ainda não havia falecido. Muito menos o escritor esperava que a orientação de Moscou e do Partido fosse de continuidade / unidade com as forças antifascistas no pós-guerra, principalmente em relação a Vargas, que tinha o Estado-Novo nos últimos dias de suspiro. Por isso, se explica o porquê Olga e Leocadia só aparecem com intensidade na Literatura amadiana no livro biográfico de Prestes.

A FRACASSADA INSURREIÇÃO, O SOFRIMENTO E O FUTURO PROMISSOR.

Foi um fracasso o levante armado de 1935. Poucas guarnições se insurgiram e nenhuma greve ou brigada operária foi constituída. Não houve adesão de populares e poucos oficiais aderiram ao movimento. Foram revoltas de quartéis com impacto em apenas três capitais brasileiras. O destino promissor, da instauração de um Governo Popular Nacional Revolucionário no Brasil, foi adiado.

Prestes e os enviados da III Internacional Comunista (IC) não conseguem cumprir o grande legado que lhes foi destinado: a Revolução no maior país da América Latina. O projeto de uma nação socialista não cruza o Atlântico e a URSS não ganha um *irmão* latino. Mas, a culpa da *catástrofe* revolucionária não resvala no

[6] Segundo Anita Leocadia Prestes, Vargas proibiu a ida de Prestes ao México para o enterro da mãe, mesmo com o pedido pessoal do Ministro da Defesa do México que garantiu que Prestes voltaria a prisão no Brasil. "Getúlio Vargas sequer respondeu. Quatro dias e quatro noites o povo mexicano aguardou a resposta, em respeitosa vigília" (2006, pp. 38-39).

"Herói" ou nos "Amigos" vindos do estrangeiro, apesar de Prestes ter assumido todas as responsabilidades dos Levantes. A culpa, no imaginário dos comunistas é de "Miranda", do Secretário Geral do PCB, que não soube avaliar as circunstâncias repassando informações erradas ao Partido como para a III IC.

Morais reafirma essa postura, afirmando que, em conversas com Prestes e Rodolfo Ghiodi, Olga questionaria a capacidade de Miranda.

> Ela não entendia, por exemplo, como Miranda [...] pudera chegar a secretário-geral do partido, exercendo influência e autoridade sobre tantos intelectuais e militantes com uma longa história de lutas. E embora estivesse no partido há menos de dois anos, era ele quem dava as cartas, com poder cada dia maior (MORAIS, 2004, p. 85).

O biógrafo, de certa forma, assume essa postura para si e, alega que Prestes não tomava decisões, cabia a ele apenas executar na ANL as ordens do Partido. Segundo o escritor, a orientação "era de trabalhar com afinco para a insurreição que Miranda tanto anunciara aos dirigentes soviéticos" (2004, p. 85).

Na biografia de Prestes, Amado coloca que o fracasso da revolta foi graças à precipitação do movimento e ao sentimento de companheirismo dos sulistas com os revoltosos do nordeste.

> [...] os aliancistas saem em defesa dos homens do nordeste que lutavam pelo governo popular-revolucionário. A precipitação do movimento revolucionário iria sem dúvida, como realmente o fez, dar, com o seu fracasso, uma nova força à reação. Porém, por outro lado, a Aliança Nacional Libertadora não podia deixar de correr em defesa do povo de armas na mão lutando no nordeste pela liberdade. Prestes não podia, sem trair a confiança que nele depositaram, deixar de acudir ao apelo que os revolucionários de Natal e Recife lhe faziam (AMADO, 1987, p. 267).

Para Morais, "a revolução [insurreição no Rio de Janeiro] começou às três da madrugada e acabou à uma e meia da tarde" (2004, p. 93). Depois a repressão assola o país, com milhares de prisões, torturas e, conseqüentemente, com a deportação e assassinato de Olga na Alemanha. Tanto para o biografo de Olga, como de Prestes, os detalhes da derrocada do levante não são fatos de suma importância, mas sim, os tristes dias de repressão e tortura, além do sentimento de dias

melhores com a vitória das forças progressistas sobre o fascismo.

Nesse sentido, após os levantes, iniciam-se os *ásperos tempos*. Momento de grande sofrimento e provação revolucionária. É a situação aonde a fé do revolucionário tem que ser superior a qualquer sacrifício. A qualquer dor. Mesmo que essa seja a mais bárbara tortura a ser praticada contra um homem. O comunista verdadeiro não pode abandonar o Partido nessas horas difíceis, nem delatar detalhes revolucionários e companheiros as forças reacionárias, por mais que isso custe a sua vida e a de próximos. O Partido deve ser protegido a todo custo.

Recomeça a ilegalidade extremada. O Partido e seus militantes, como sugere o título do romance de Amado, têm que trabalhar nos *"subterrâneos da liberdade"* e saber vencer os desafios da *agonia da noite* para encontrar a *luz no túnel*[7] que os levem a liberdade e, posteriormente, a vitória pelo poder.

Para Amado e Morais, seus biografados são grandes exemplos de superação das dificuldades. Apesar das torturas, da privação e da saudade, Prestes e Olga nunca se desesperam, possuindo uma fé inabalável com a prosperidade do futuro. Com a prisão de ambos e com a entrega de Olga grávida aos nazistas, a história dos biografados se torna sagrada, sacrifício que deve ser reverenciado por toda militância como prova de amor ao Partido, a Revolução e a luta contra o(s) fascismo(s).

Em Jorge Amado, o sacrifício teve resultados, a militância do Partido Comunista nunca se rendeu e mesmo atuando nos *subterrâneos* da ilegalidade conseguiu guiar o povo na luta contra o fascismo, levando Vargas a declarar guerra ao Inimigo. E o escritor anuncia: *"Já vem a liberdade, amiga, se aproxima o fim da noite"* (1987, p. 346). E, mesmo mantido ainda preso, Prestes aponta o caminho para o Brasil ajudar liquidar o inimigo comum dos povos: *"- Decretar a mobilização agora mesmo; alistar cem mil, duzentos mil homens; colocar toda a nação em armas"* (AMADO, 1987, p. 347).

Mesmo com o assassinato da sua biografada, Morais visualiza a superação. O nazifascismo caiu. Vargas anistiou os presos políticos, restabeleceu relações diplomáticas com a URSS, sinalizava-se o processo de legalização do PCB e abriu-se o processo de rede-

[7] Referências ao sub-título do volume terceiro de *Os Subterrâneos da Liberdade*.

mocratização no país, prometendo uma nova Constituinte e eleições gerais e diretas. Além disso, Prestes e o PCB demonstram sua força política, através dos grandes comícios realizados no Pacaembu, São Paulo, que, segundo Morais, "*calculava-se que havia mais de 100 mil pessoas"* (2004, p. 238) e, outro, *"seu primeiro comício público para 80 mil pessoas no estádio do Vasco da Gama no Rio de Janeiro"* (2004, p. 236).

Os escritores parecem querer dizer que, apesar dos sofrimentos vividos a vitória não tardará a chegar, o que reflete um engajamento na perspectiva da escrita literária e um diálogo com o contexto no qual produziram suas obras.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Cacau.* São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961.

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d.

AMADO, Jorge.*O Cavaleiro da Esperança:* a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987.

AMADO, Jorge.*Os Subterrâneos da Liberdade*: Os ásperos tempos. Rio de Janeiro: Record, 1978.

AMADO, Jorge. *Seara Vermelha.* São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d.

FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito*: Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF, 2002.

PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes*: patriota, revolucionário e comunista. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

PRESTES, Luiz Carlos**.** "Como cheguei ao comunismo". *Cultura Vozes*. Petrópolis: n° 2. Março-Abril, 1998.

MORAIS, Fernando. *Olga.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FILME

VENTURI, Toni. *O Velho*: A História de Luis Carlos Prestes. Filme documentário, 1997.

Artigo recebido em: 10/11/2009
Aprovado para publicação em: 23/11/2009